

RESENHA: PIETROFORTE, Antônio Vicente. *Análise do texto visual: a construção da imagem*. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2011, 112 p.

Siane Paula de Araújo
Mestranda do Posling-Cefetmg

O professor paulista Antônio Vicente Seraphim Pietroforte da Universidade de São Paulo apresenta, em seu livro *Análise do texto visual: a construção da imagem*, a semiótica greimasiana de forma clara, concisa e eficiente por meio da análise de textos visuais em sucintas sete partes. As análises são realizadas a partir da semiótica plástica, com ênfase na semiótica tensiva desenvolvida por Claude Zilberberg e Jacques Fontanille e convergem para a discussão sobre o processo de construção da imagem no próprio campo semiótico. Para alcançar seus objetivos, o autor utiliza objetos de estudo presentes no seio social como o poema, a música, a história em quadrinhos e a fotografia tornando cotidiana a compreensão do conteúdo sistemático.

Em suas primeiras explicações sobre a influência das considerações de Hjelmslev na semiótica plástica visual, está a análise comparativa dos poemas: “A morte a cavalo” e “Braços”, respectivamente dos ilustres escritores Carlos Drummond de Andrade e Cruz e Souza. Ainda sobre a análise de poema, na quarta parte analisa “Jogos frutais” do poeta e diplomata pernambucano João Cabral de Melo Neto. Nesta, a imagem construída é a imaginada, descrita pelo processo semiótico que é resultado da sinestesia provocada pela leitura do poema e chega à surpreendente relação conotativa de que seca, a mulher do poema é verde, umedecida pela mucosidade, é podre.

Na sexta parte, está a análise da canção *Mujer contra mujer*, de J. M. Cano, do grupo espanhol Mecano, relatando a construção de imagens também sociais. Isso se dá uma vez que a letra da canção estabelece interfaces entre o discurso erótico e o discurso pornográfico. A análise é desenvolvida pela semiótica do campo semântico a partir das definições lexicográficas de “erótico”, “erotismo”, “sexo”, “pornografia” e “luxúria” do dicionário de Houaiss sob a ótica de que tais definições funcionam, neste caso, como reflexos de imagens pré-estabelecidas em determinada cultura.

Na segunda parte, Pietroforte inaugura as categorias eidética, cromática e topográfica no contexto de sua obra para demonstrar como a estética musical da discografia está aliada à

estética visual do da capa do álbum *New Direction*. Isso se dá pela articulação dos planos de conteúdo e de expressão, ou seja, do sigetismo presente na semiótica plástica (foto dos quatro músicos: Jack Dejohnetti, Eddie Gomez, John Abercrombie e Lester Bowie) junto à semiótica verbal (escrita do título e nome dos músicos). Dessa forma, o autor ressalta a construção imagética na própria música quando conduz o leitor a uma análise que aproxima os códigos verbais e visuais - forma e tamanho das fontes das letras na capa - do texto visual – a análise fotográfica.

O objeto foto também está presente na terceira e na sétima parte do livro. A terceira parte discorre sobre a fotografia da modelo Luiza Brunet, publicada na revista *Interview* número 152, de agosto de 1992. Nesta análise, o autor se apropria da teoria de J. M. Floch (1985) para dispor a interação entre linear e não-linear da categoria topológica e utiliza da relação intensidade (eidética) vs. extensidade (cromática) junto à correlação entre a curva conversa e a inversa na interação dos elementos de cor e de forma. O enunciado presente na figura referencia a construção da imagem semântica no plano do conteúdo através da conversão de categorias semânticas em categorias plásticas. A partir disso, o autor afirma que a beleza da modelo torna-a uma alegoria da bondade e da verdade.

A sétima parte, apresenta a construção da imagem de uma fotografia de Haroldo de Campos, publicada no álbum *O lugar do escritor*, em 2003. Sobre um olhar atento do momento de ofício do escritor, marcado por um cenário rodeado de inúmeros livros e com papel e caneta nas mãos, Pietroforte destaca a tensividade como um meio eficaz e seguro de verificação das relações semi-simbólicas na estrutura fundamental de geração de sentido.

A construção da imagem na história em quadrinhos está na quinta parte do livro. O autor coloca esta construção como um veículo manipulador de um “ponto de vista” utilizando como exemplo a história *Futboil*, de Luiz Gê. Uma história bem divertida e que bem se aplica ao enfatizar como as escolhas das angulações dos desenhos idealizados e projetados das cenas delimita os percursos do olhar do próprio leitor, estabelecendo certo “ponto de vista”. Assim, a rede de relações semânticas ocorre por meio, principalmente, das categorizações plásticas no plano da expressão que fazem o mundo fazer sentido, segundo afirma.

Por fim, percebe-se ao longo da leitura do livro que os conteúdos sistemáticos da semiótica do texto visual abordados pelo autor ilustram e confirmam, de forma fácil, evidente e concisa, a compreensão da dimensão contínua do sentido no processo de construção da

imagem. Bem como, a necessidade de uma abrangência interdisciplinar no percurso analítico semiótico e sua aplicação no dia-a-dia.